

ALESSANDRO PASSERIN D'ENTRÈVES: HOMEM DE FRONTEIRA

Maisa Martorano Suarez Pardo
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar um perfil biográfico de Alessandro Passerin d'Entrèves a partir de uma chave de observação recorrente nos intérpretes, comentadores, colegas e amigos do filósofo italiano. Essa chave de observação particular faz referência tanto a uma característica de nascimento do autor – portanto cultural e antropológica, quanto a uma característica intelectual. Referimo-nos aqui à adjetivos como *frontalier*, *uomo di frontiera*, que frequentemente aparecem associados à Passerin nas homenagens, análises e debates dentro e fora do âmbito acadêmico. Para traçar o perfil biográfico, dividimos os fatos de vida a partir da experiência de Passerin em três países distintos: Itália, Inglaterra e EUA. Essa escolha não é arbitrária, pois é o próprio autor quem afirma sua relevância no prefácio à versão de 1967 da obra *The Notion of State*. Ao tomar a decisão de investigar essa afirmação e ao tomá-la como lente na observação da vida e da obra do autor, abrimos caminho para compreender por que razões comentadores e estudiosos atribuem a ele e à sua obra adjetivos como “cosmopolita”, “o caminho do meio”, “frontalier”.

Palavras-chave: Alessandro Passerin d'Entrèves; cosmopolitismo; filosofia política; teoria do Estado.

Abstract: The purpose of this paper is to present a biographical profile of Alessandro Passerin d'Entrèves from a recurrent key of observation in the interpreters, commentators, colleagues and friends of the Italian philosopher. This particular key of observation makes reference to both a birth trait of the author - cultural and anthropological as well as an intellectual characteristic. We refer here to adjectives such as *frontalier*, *uomo di frontiera*, which often appear associated with Passerin in homages, analyzes and debates within and outside the academic arena. To trace the biographical profile, we divided life facts from Passerin's experience in three distinct countries: Italy, England and the USA. This choice is not arbitrary, for it is the author himself who asserts its relevance in the preface to the 1967 version of *The Notion of State*. In making the decision to investigate this statement and to take it as a lens in the observation of the author's life and work, we open the way to understand why commentators and scholars attribute to him and to his work adjectives such as "cosmopolitan", "middle path", "frontalier".

Keywords: Alexander Passerin d'Entrèves; cosmopolitanism; political philosophy, theory of State.

INTRODUÇÃO

Quando tomamos em consideração o fato de que Alessandro Passerin D'Entrèves nasceu na região italiana do Valle d'Aosta, e de que não é incomum – dada a posição geográfica da região localizada entre os limites do território italiano e dos territórios da França e da Suíça – aos nascidos na localidade serem associados à ideia de fronteira, essa parece ser uma associação fácil e de menor importância. De fato, podemos afirmar que a população valdostana encontra-se imersa em um pluralismo cultural intrínseco à região³. Mas quanto mais observamos e analisamos suas obras e artigos, e nos aprofundamos nas leituras a respeito de sua vida e seu trabalho, mais ficam evidentes os elementos biográficos e intelectuais, políticos e acadêmicos, que justificam o peso que a expressão *Uomo di Frontiera* possui com respeito a ele. Essa característica geográfica pode ser encontrada ressoando nas suas posições políticas e acadêmicas, que renderam a ele ainda outros adjetivos como *cosmopolita* e *pensador europeu*⁴ – esse último faz referência a uma interpretação que vê em Passerin D'Entrèves uma antecipação do projeto de uma Europa federativa. Para melhor exemplificar nosso ponto de partida, citamos Gian Mario Bravo:

...nella sua opera scientifica, nelle occasioni di partecipazione alla vita politica, nella sua cultura e nel suo stesso essere frontier (cioè, italiano e aostano, intellettuale e cosmopolita) – fu soprattutto un cittadino europeo, che anticipò di qualche decennio la “politica pratica” e la stessa costruzione dell’Unione Europea (BRAVO, 2004 p.25)

Nos juntamos, assim, a fazer coro com a vasta maioria dos comentadores e intérpretes de D'Entrèves que identificaram nas suas origens um elemento decisivo na sua vida e nas suas reflexões políticas. Podemos observar a cada novo fato biográfico e, de igual modo, a cada novo trabalho intelectual uma constante não-adesão consciente e crítica a modelos políticos prévios e a sistemas e métodos de análise política demasiadamente

³Cfr. LOUVIN, R. ‘Saluto’ in *Alessandro Passerin d'Entrèves: politica, filosofia, academia, cosmopolitismo e “piccola patria”*, org. Gian Mario Bravo, Torino: FrancoAngeli, 2004, p. 15-16.

⁴Fazemos aqui referência direta à obra *Alessandro Passerin d'Entrèves: pensatore europeo* org. Sergio Noto, Boblogna : Il Mulino , 2004

restritos. Estamos quase tentadas a afirmar um certo caráter diplomático, de mediação nas práticas do autor. Mas damos aqui um passo atrás, pois não é tão certo ou evidente que o objetivo de d'Entrèves fosse necessariamente e objetivamente mediar um mundo extremamente polarizado: dividido por uma guerra fria; e engessado em debates acadêmicos antagônicos entre continentais e analíticos, materialismo histórico e história das ideias, marxismo e liberalismo, etc. Algumas vezes, nos parece que o objetivo do autor é simplesmente colocar sua interpretação do fenômeno político, ou como ele mesmo diz no Prefácio de 1962 à *La Dottrina dello Stato*: “gostaria de adverti-lo do meu propósito ao me aproximar daqueles que foram grandes, que não é aquele de quem escreve uma história, mas de quem procura a verdade.” (1962, p. 6-7, trad. nossa) É certo, todavia, que essa *busca pela verdade* está permeada dos elementos biográficos. As críticas e elogios a autores políticos de diversos espectros, muitos antagônicos entre si, talvez não seriam possíveis sem o caráter cosmopolita e sem a vida nômade de d'Entrèves. Ele próprio manifesta consciência dessa sua característica e poderíamos mesmo dizer que a defende como um valor político. Ainda no Prefácio de 1962, ele encerra dizendo:

... se infine a qualche lettre sembrasse che questo libro è un po' troppo farcito di autori “strnieri” e non tiene conto abbastanza di quanto si dice e si fa, e si fa così bene, in Italia in quest'anni che sono veramente degli “anni di grazia”, vorrei chiedergli venia anche di questo, adducendo a mia scusa soltanto le vicende della vita, che hanno fatto di me un giramondo, ma le parole immortali di chi, fra i miei autori, è certo dei più cari:
 “Nous sommes nés dans un rayume florissant; mais nous avons pas cru que ses bornes fussent celles de nos connoissances...”
 (D'ENTRÈVES, 1962, p. 8)

A citação à Montesquieu⁵ revela o traço que mencionamos anteriormente, i.e., o fato que para d'Entrèves o cosmopolitismo não é apenas uma consequência de nascimento ou uma característica cultural, mas é um valor político e é também cosmopolitismo intelectual. Essa passagem indica ainda uma preocupação do autor com aquilo que ele identificará como anglofobia italiana, um tema do qual ele trata no artigo “Anglophobia in present-day Italy” publicado na revista *The Listener* da BBC em 1953, no período em que

⁵A citação está nas *Cartas Persas* (1721) de Montesquieu, especificamente na carta número 1.

o italiano assumira a cadeira de estudos italianos na universidade de Oxford. Ao mesmo tempo, a publicação da obra *La Dottrina dello Stato* em inglês, em 1967, mostra que essa expansão de limites intelectuais era para d'Entrèves uma via de mão dupla, uma vez que *The Notion of State* se propõe a resgatar o termo *Estado* do limbo referencial em que se encontrava nos estudos políticos do mundo anglo-saxão.

Para fundamentar ainda mais essa nossa perspectiva, gostaríamos de lembrar a coluna 'Uomo di Frontiera', escrita por Bobbio no jornal *La Stampa* como homenagem a d'Entrèves na ocasião de sua morte em 1985. Nele Bobbio recorda passagens da vida de Passerin d'Entrèves, e relembra dois momentos diversos que ilustram nosso ponto. O primeiro trata de quando Gian Mario Bravo, um ex-aluno e assistente de Passerin, então presidente da Faculdade de Ciência Política, reuniu os escritos franceses do autor na obra *Les bornes du royaume. Ecrits de philosophie politique et d'histoire valdôtaine*, publicado em 1984 pouco antes da sua morte. Segundo Bobbio, Passerin “aveva voluto intitolare *Les Bornes du Royaume*: si definiva “uomo di confini” o come usava dire “fontalier” il cui compito era stato soprattutto quello di “unire le culture e gli uomini”. O segundo momento, remete ao discurso do amigo na ocasião de recebimento do título ad honorem pela Universidade de Sorbonne:

Nel discorso di ringraziamento che tenne alla Sorbonne, quando gli fu conferita la laurea ad honorem, disse, col tonno dimesso che gli era abituale, e non era un vezzo, ma una seconda natura, che si riconosceva un unico merito, di essere stato un intermediario tra culture diverse. (BOBBIO, 1985, P. 3)

Com tudo que expusemos até aqui, acredito que oferecemos uma breve ilustração que justifica a lente de observação através da qual traçamos aqui os perfis biográfico e intelectual de Passerin d'Entrèves. Na verdade, em certo sentido, não fazemos outra coisa que apresentar o autor segundo critérios reafirmados por ele próprio em seu percurso.

HOMEM DE FRONTEIRA

⁶www.archiviolastampa.it/component/option,com_lastampa/task,search/mod,libera/action,viewer/Itemid,3/page,3/articleid,1010_01_1985_0280_0003_14120269/

Alessandro Passerin d'Entrèves nasceu em Turim no dia 26 de abril de 1902. Filho de Ettore Passerin d'Entrèves et Courmayeur e de Maria Gamba, descendia por parte de pai de uma nobre família valdostana e possuía o título de conde. Segundo Massimo Tringali, Passerin viveu uma infância dividida entre Turim e o Valle d'Aosta “onde ainda se falava o francês como língua culta e onde, como é típico de uma zona de fronteira, é sensível o influxo de duas culturas...”⁷ Por influência paterna, conviveu desde sempre em um ambiente clerical, e apesar de ser “um católico praticante... era um católico não clerical, sensibilíssimo à distinção entre Estado e Igreja”.⁸ Do lado materno, Passerin herdou sua inclinação, ou sua ‘formação espiritual liberal’⁹. Esse conjunto de condições na primeira infância foi lembrado pelo autor em uma entrevista concedida em sua casa em 1984:

La Val d'Aosta allora era una Vandea, era proprio governata dai preti, non c'è nessun dubbio [...]. Viceversa da parte di mia madre da tutt'altra direzione, diciamo liberale, non certo nazionalista, no, ma comunque aperta, ed è lì forse che o succhiato il mio primo latte, non lo so, certo che il divario tra queste due eredità era molto grave, profonda. (D'ENTRÈVES apud TRINGALI, 2002, pag.5)

Além das marcas deixadas por essas duas heranças, notamos que também a relação entre Turim e Valle d'Aosta se manterá viva na experiência do autor em toda sua jornada. De um lado o Valle d'Aosta, a sua *piccola patria* “inter montes collocata”¹⁰, lugar de contato com variedade linguística e cultural; de outro a cidade de Turim, que se configurava como um polo universitário e industrial (especialmente a partir das instalações das fábricas da Fiat e da Lancia no início do século XX), lugar de sua primeira formação acadêmica e das primeiras experiências políticas.

Com o passar dos anos, essa mobilidade de d'Entrèves se revelará uma constante, com passagens do filósofo por diversas cidades italianas, e por experiências como pesquisador e professor tanto na Itália, como na Inglaterra, na França, na Alemanha e nos Estados Unidos. Essa riqueza de referências na construção do homem e do intelectual é o

⁷TRINGALI, M. *Alessandro Passerin d'Entrèves: profilo di un pensiero*, Aosta: Le Chateau Edizioni, 2002, p. 5.

⁸STUARDI, M. D. ‘Testimonanze’ in *Alessandro Passerin d'Entrèves: politica, filosofia, accademia, cosmopolitismo e “piccola patria”*, org. Gian Mario Bravo, Torino: FrancoAngeli, 2004, p. 84-85.

⁹Fazemos uso da expressão usada por Massimo Tringali na obra já citada, p. 6.

¹⁰Reproduzimos expressão usada por Bobbio na coluna “Uomo di Frontiera” previamente mencionada.

principal elemento na constituição do perfil biográfico que apresentamos aqui como pedra fundacional de nossa tese. Não pretendemos tratar de cada uma dessas experiências em profundidade. Para os nossos objetivos, nos limitaremos a apresentar uma narrativa de vida dividida entre aqueles ambiente e experiências que, segundo o próprio Passerin, exerceram nele maior impacto. Assim, em primeiro lugar, daremos destaque às experiências de vida do autor em seu país de origem, explorando os detalhes de sua formação, as universidades nas quais lecionou, seu envolvimento com Piero Gobetti e com a luta antifascista, seu papel na questão anexionista do Valle d’Aosta e o projeto do estatuto de autonomia, em suma, seu percurso acadêmico e político na Itália. Em seguida, consideraremos sua vivência na Inglaterra, como bolsista da Fundação Rockefeller orientado por Alexander Carlyle, como participante na ‘Internacional Liberal’, e as diversas atividades como docente. Por fim, abordaremos o impacto de seu trabalho como docente nos EUA.

ITÁLIA

Em seu livro *Como Mudar o Mundo* (2010), Eric Hobsbawm dedica um capítulo a Antonio Gramsci (1891 – 1937) em que expõe algumas características italianas do início do século passado que contribuíram para o cenário político e o florescimento de tantas novas ideias. Embora boa parte da análise feita por Hobsbawm parta de uma perspectiva que busca explicar o tipo de marxismo com que Gramsci estava comprometido, acreditamos que os pontos levantados pelo autor nos servem também na medida em que desenharam o cenário que permitiu à Itália ser, nas palavras do historiador, “uma espécie de laboratório de experiências políticas” (2010, p.288).

Em primeiro lugar, aponta Hobsbawm, “a Itália era, por assim dizer, um microcosmo do capitalismo mundial, na medida em que continha, num só país, metrópoles e colônias, regiões avançadas e atrasadas” (2010, p.288). Dessa maneira, a Itália dispunha, em seu pequeno território, de todas as contradições que o sistema capitalista gera numa escala global; a Itália era, ao mesmo tempo, “primeiro mundo” e “terceiro mundo” (se quisermos optar pela utilização dessa malfadada terminologia).

Como consequência, antes mesmo de 1914, “o movimento operário italiano era tanto industrial quanto agrário, tanto proletário quanto camponês”; segundo aspecto ressaltado por Hobsbawn. (2010, p.288)

Em terceiro lugar, o autor demonstra a peculiaridade da burguesia e da sociedade italiana, citamos:

A terceira peculiaridade é o caráter muito especial da história da Itália como nação e sociedade burguesa. (...) quero lembrar ao leitor três coisas: a) que a Itália abriu caminho para a civilização moderna e para o capitalismo vários séculos antes de outros países, mas não conseguiu manter suas realizações e descambou para uma espécie de letargia entre o Renascimento e o Risorgimento; b) que, à diferença do que aconteceu na França e na Alemanha, a burguesia italiana não criou sua sociedade mediante uma revolução triunfante nem aceitou uma solução de compromisso oferecida de cima para baixo por uma velha classe dominante. A Itália fez uma revolução parcial: sua unificação foi obtida em parte de cima para baixo, por Cavour, e em parte de baixo para cima, por Garibaldi; c) assim, em certo sentido, a burguesia italiana não conseguiu - ou não conseguiu em parte - realizar sua missão histórica de criar uma nação italiana. Sua revolução foi incompleta e, por isso, socialistas italianos como Gramsci tinham clara consciência do possível papel de seu movimento como líder potencial da nação, portador da história nacional. (HOBSBAWN, 2011, p.289)

A Itália era, também, “um país em que a cultura de uma elite nacional precedeu um Estado nacional”, diz Hobsbawn referindo-se à relação entre Estado e Igreja Católica na Itália. Segundo o autor, a “Igreja era uma instituição especificamente italiana, uma forma de manter o domínio das classes dominantes sem o aparelho do Estado, e separado dele”.

Além de todos esses fatores, há também a longa tradição italiana no pensamento político – de Maquiavel a Pareto e Mosca, além de muitos outros; e “mesmo os pioneiros não italianos do que hoje chamaríamos de sociologia política geralmente estavam ligados à Itália ou tiravam suas ideias da experiência italiana.”

Por fim, para Hobsbawn, a “Itália era um país no qual, depois de 1917, várias das condições objetivas e até subjetivas da revolução social pareciam existir (...). Entretanto, essa revolução não aconteceu. Ao contrário, foi o fascismo que ascendeu ao poder.”. (2010, p.289)

Como dissemos anteriormente, as características expostas por Hobsbawn em seu livro, e elencadas por nós aqui, partem de uma perspectiva que nem sempre se refere

diretamente à formação pessoal e intelectual na qual esteve envolvido nosso autor. Se Hobsbawm aponta as diferenças sociais italianas como uma característica marcante no pensamento de Gramsci, por exemplo, o mesmo não pode ser dito com relação a d'Entrèves. Enquanto Gramsci nasceu em uma região agrária, pouco desenvolvida - como é o caso da Sardenha -, e só através de seu esforço como estudante conseguiu frequentar a Universidade em Turim, Passerin d'Entrèves nasceu em uma família nobre em uma região que estava se expandindo culturalmente e economicamente, o Piemonte. Não queremos aqui tecer qualquer comparação entre os dois autores, que apesar de contemporâneos e apesar de terem frequentado círculos semelhantes em Turim, possuíam maneiras bastante diversas de aproximação dos problemas políticos. No entanto, acreditamos que a descrição feita por Hobsbawm nos serve na medida em que aponta características importantes como a longa tradição italiana com o pensamento político, a recente industrialização, a recente unificação, a relação do Estado com a Igreja e a falta de concretização do projeto burguês ou da revolução burguesa.

Quando nos voltamos especificamente para Turim, nos anos de 1918 a 1922, sobretudo, encontramos um cenário semelhante, em alguns aspectos, ao exposto por Hobsbawm. Turim passava por um recente processo de industrialização, sobretudo no setor automobilístico com a recente instalação de fábricas da FIAT e da LANCIA. Com a integração nacional italiana, nos anos do chamado Risorgimento (aprox. 1815 – 1871), a região do Piemonte enfrentava dificuldades com a recente ideia de nação italiana, sobretudo por sua localização próxima a fronteiras com outros países como Suíça, França e Áustria – conflito que fica claro quando analisamos, por exemplo, o caso da disputa pelo território do Valle d'Aosta entre França e Itália após o fim da Segunda Guerra Mundial.

No contexto acadêmico turinense, há o florescer de uma geração que causaria imenso impacto na cultura política italiana. Uma personagem importantíssima nesse cenário é, sem dúvida, Piero Gobetti.

Piero Gobetti (1901-1926), nascido em Turim, entra para a Universidade de Turim em 1917 na mesma Facoltà di Giurisprudenza em que, um ano mais tarde, ingressaria Alessandro Passerin d'Entrèves. Dentre muitos fatores, o elemento que torna Gobetti a figura central, essencial para o *zeitgeist* turinense daquela época, sobretudo entre a resistência antifascista, é seu envolvimento pessoal com as diversas correntes de

pensamento quer liberais, quer comunistas ou socialistas e a promoção da vida política da cidade não apenas através da de encontros dos diversos grupos – oferecendo espaço para reuniões em sua casa, que hoje em dia abriga o Centro Studi Piero Gobetti –, mas também através de suas publicações. Para se ter uma ideia da capacidade de agregação de Gobetti, uma de suas revistas chamada *La Rivoluzione Liberale* (Gobetti teve ainda dois outros projetos: *Energie Nuove* e *Il Baretto*) escreviam grupos muito distintos de pensadores, como Gramsci e, também, Passerin d'Entrèves, além de muitos outros. Apesar de sua curta existência, Piero Gobetti teve uma vida tão intensa, com decisões e manifestações tão importantes que teríamos de escrever no mínimo um artigo inteiro dedicado a ele, se quiséssemos melhor explorar sua importância naquele momento específico – e para a posteridade.

Alessandro Passerin d'Entrèves relata ter conhecido Piero Gobetti quando esse último ainda organizava sua primeira revista, *Energie Nuove*. Era o ano de 1918 e, Segundo d'Entrèves, Gobetti insistia que nosso autor contribuísse financeiramente e participasse mais ativamente, publicando artigos. Passerin diz ter recusado a primeira oferta de Gobetti, aceitando o convite somente mais tarde quando se fundou a já citada *La Rivoluzione Liberale*. Segundo o filósofo italiano, na época da primeira aproximação de Gobetti, ele recusou-se a ajudar por ser ainda um 'jovenzinho' com pouca experiência do mundo, oriundo de uma pequena cidade “comandada por padres”, como coloca.

Um dos impactos mais importantes de Gobetti na vida de d'Entrèves foi a abertura política, social e cultural que ele promoveu na vida pessoal e intelectual de nosso autor. Por ocasião de uma homenagem a Gobetti, aos 50 anos de sua morte em 1976, escreveu d'Entrèves:

Credo di non andar troppo errato se dico che l'insegnamento di Gobetti a noi suoi coetanei non fu tanto un insegnamento politico quanto un insegnamento morale. Per parte mia (e ho avuto già altra occasione di dirlo) so di dovergli quello che di meglio mi há dato la vita: il primo risveglio alla cultura, l'ardore a “divenir del mondo esperto”, le amicizie più antiche e durature, oltre naturalmente, e come elemento coesivo del tutto, all'antifascismo: al netto e convinto rifiuto di ciò che ci appariva, nella pregnante i,agine di Gobetti, come la “sintesi”, spinta alle ultime conseguenze, delle storiche malattie italiane retorica, cortigianeria, demagogia, trasformismo: “Combattere il fascismo”, così difatti egli ci amoniva, voleva dire “rifare la nostra formazione spirituale”, non cedere alla “cattiva letteratura” di cui era fatta tanta parte della storia d'Italia, ma soprattutto convincersi che

“c’è solo un valore incrollabile al mondo, l’intransigenza” e prepararsi a esserne “per un certo senso i disperati sacerdoti. (D’ENTRÈVES apud BRAVO, 2004, p.37)

Com essas palavras vemos, resumidamente, como Passerin atribuía a Gobetti um papel fundamental não apenas no período de sua formação inicial, mas nas raízes de todo seu posicionamento político¹¹. E, além disso, podemos ver como d’Entrèves se expressava com relação à herança política italiana e uma parte de seus pensadores.

Essa experiência com Gobetti certamente influenciou d’Entrèves anos mais tarde quando da Resistenza no Valle d’Aosta, outra relação determinante no perfil de nosso autor, como veremos em seguida.

VALLE D’AOSTA E OS ANOS DA RESISTENZA

Sem dúvida alguma o principal episódio político envolvendo d’Entrèves e o Valle d’Aosta foi a disputa pelo território entre França e Itália ao final da Segunda Guerra. Na ocasião, d’Entrèves agiu diretamente ao lado do amigo Federico Chabod¹² para que a região permanecesse no território italiano, desfrutando, no entanto, de um estatuto de autonomia.

A proposta de adesão ao território francês já era conhecida pelos valdostanos desde 1943, no entanto somente em 1945 houve um confronto efetivo com relação à questão. A ideia não parecia desagradar os cidadãos valdostanos, que preferiam estar anexados à França que permanecer na Itália. Era um momento de extrema tensão no qual o território

¹¹Para um aprofundamento dessa relação ver: D’ENTRÈVES, A. P. *La consegna di Gobetti*, 19 de fevereiro de 1976.

¹²Federico Chabod (Aosta, 1901 – Roma, 1960) foi um histórico e político italiano que frequentou a Universidade de Turim na mesma época que seu conterrâneo Passerin d’Entrèves. Seu papel no conflito político-militar do pós guerra na região do Valle d’Aosta foi de importância capital. Para maiores detalhes da relação dos dois pensadores e sobre a vida de Chabod cfr.: D’ENTRÈVES, A. P. *Federico Chabod et l’idée de nationalité* in *Annales de Philosophie Politique* VIII, 1969. Paris: Presses Universitaires de France, pp 85-96; *Scritti sulla Valle d’Aosta*, 1979. Bologna: Massimiliano Boni. Além disso, recomendamos o trabalho de D’ORSI, A. ‘La ricezione di Federico Chabod nella cultura italiana del novecento’, in *Nazione, Nazionalismi ed Europa nell’opera di Federico Chabod*, 2000. Firenze: Leo S. Olschki Editore.

valdostano encontrava-se ocupado por tropas francesas, alemãs e aguardava a chegada de tropas estadunidenses. A respeito da proposta anexionista, segundo Marcos Cuaz:

Non è facile ancora oggi misurare il consenso popolare all'ipotesi anessionista, non solo perchè molti documenti sono andati distrutti e quase tutti i protagonisti della battaglia separatista hanno poi negato, o ridimensionato, la loro adesione al movimento, ma anche perchè la carta anessionista è stata speza con forza dagli avversari stessi dell'anessionismo, Chabod e Passerin d'Entrèves in testa, nelle trattative con il CLN e il governo italiano per ottenere la massima autonomia. (CUAZ, 2004, p. 46)

O envolvimento de d'Entrèves na questão é bastante complexo. Segundo Cuaz, Passerin chega ao Valle d'Aosta no verão de 1944 quando explodia a questão anexionista. Ele se refugiaria no castelo de Entrèves, pertencente à família, em Courmayeur em virtude de “un madato di cattura emesso contro di lui ‘per i suoi rapporti com Casa Reale’”.¹³ Não se sabe muito das suas atividades ao interno do conflito, e segundo o próprio d'Entrèves ele participava da Resistenza apenas 'moderadamente'. Sabe-se, contudo, que ele pertencia oficialmente à brigada Courmayeur e após março de 1945 passou a 87ª brigada, tendo sido colocado no posto de serviço de informação. Ainda segundo Cuaz, a principal contribuição de Passerin parece ter sido de caráter financeiro.

A participação direta de d'Entrèves se daria a convite do amigo Chabod. Sem dúvida Federico Chabod foi o principal responsável pelo envolvimento de Passerin, e convenceu outros líderes da Resistenza acerca da pertinência do convite. Em carta a Ugo La Malfa em outubro de 1944, Chabod menciona como um possível aliado da causa italiana: “il mio ottimo amico che si trova a Courmayeur e che gode, come tutta la sua famiglia, di indubbio prestigio sugli elementi moderati (le comunicazione tra me e lui sono però difficili perchè occorre attraversare la valle centrale che è piena di tedeschi)”¹⁴

Em 28 de abril de 1945, Aosta foi liberada das tropas fascistas e nazistas e Alessandro Passerin d'Entrèves foi nomeado 'prefetto' – uma espécie de administrador público – pelo Comitato di Liberazione Nazionale piemontês. Um dia após a liberação, em

¹³CUAZ, M. *ibidem*, p. 46. Não temos muitas informações sobre esse episódio. O próprio Cuaz referencia a obra *Diario dall'esilio* do futuro presidente Luigi Einaudi acerca do fato. Einaudi havia se exilado na suíça em setembro de 1943, pois temia ser tomado como refém pela República de Saló. Acreditamos que ‘Casa Reale’ faça referência ao Castelo de Sarre, pertencente à família Savoia desde a aquisição por parte do rei Vittorio Emanuele II, em 1869.

¹⁴CHABOD apud CUAZ. *Ibidem*, p.47.

29 de abril, já no cargo de 'prefetto', enfrentou uma invasão francesa ao Valle d'Aosta. Segundo Cuaz¹⁵, um novo banho de sangue foi evitado porque Passerin d'Entrèves firmou um compromisso com o comando francês. Contudo, a chamada Mission du Mont-Blanc iniciou uma coleta de assinaturas nas comunidades para anexação da região à França, “accompagnando le motivazioni ideali con la distribuzione di pacchetti di sale, con il campi del franco a due lire e com la promessa di esentare i valdostani, per 50 anni, dal pagamento delle imposte.”¹⁶ A situação escalou e a partir de 2 de maio as tropas francesas rompem o acordo verbal, e o serviço secreto francês faz diversas intervenções no território valdostano, “persino um aeroplano che lanciava alla popolazione affamata sale, zucchero, caffè e cioccolata”¹⁷ sobrevoou o território. Com o agravamento da situação entre o exército francês e as milícias da região, em 12 de abril d'Entrèves e Chabod escreveram – junto de Maria Ida Viglino à época presidente do Comitato di Liberazione Nazionale – um apelo às autoridades aliadas, Stalin, Churchill e Truman, para que intervissem evitando uma piora na situação já conflituosa:

Nella italiana Valle d'Aosta, liberata e salvata esclusivamente dai suoi partigiani, si sta in questo momento perpetrando um odioso sopruso. Truppe francesi, sopravvenute nella Valle dopo che la lotta contro i tedeschi e i facisti era già finita, violano ogni principio di diritto Internazionale, violando i principi che stanno alla base delle decisioni di Yalta, dispregiando le stesse assicurazioni ufficiali fornite dal governo francese e quello italiano, svolgono intensa propaganda politica cercando com ogni mezzo, non esculsa la corruzione e la falsificazione, e ripetendo i peggiori metodi dell'imperialismo tedesco, di indurre la popolazione ad esprimere súbito il próprio desiderio di essere anessa ala Francia. Le autorità politiche e civili della Valle d'Aosta, i capi dei partiti politici antifascisti, i capi dei partigiani, protestando fermamente contro questa indigna violenza, si permettono di richiamare la vostra attenzione su tali fatti e invocano il vostro intervento a tutela della giustizia e della libertà opressa oggi nella Valle d'Aosta, ancor dopo la cacciata dei tedeschi, proprio da coloro che si erano presentati come amici e difensori della libertà e della giustizia (apud CAVERI, 1968, p. 132-133)

Os métodos franceses incluíam a infiltração de agentes da inteligência francesa nos círculos de resistência civil, e a criação de um comitê clandestino, o Comité français de

¹⁵Ibidem, p. 48.

¹⁶Ibidem, p. 48.

¹⁷Ibidem, p. 49.

libérations – que disputava politicamente com o CNL. Em novembro de 1943 o comitê francês divulgara um memorando no qual individuava quatro soluções para o conflito valdostano: “Rattachement total à la France – constitution d’un État independant – rattachement à la Suisse – maintien du Val d’Aoste dans le sein de l’État italien, mais sous réserve de l’imposition à l’Italie d’un Statut spécial”¹⁸. Esse seria o principal documento das reivindicações sobre o território, mas, como veremos em breve, quando a proposta de um referendo para tomada de decisão por parte da população foi proposto em maio de 1945, as condições de escolha haviam disso bastante modificadas. Em concomitância ao telegrama enviado às autoridades aliadas, Passerin enviaria também um telegrama ao CLNAI (Comitato di Liberazione Nazionale Alta Italia), relatando os problemas enfrentados e pedindo ajuda na situação:

Situazione in Valle d’Aosta è gravissima. Truppe francesi svolgono intensa propaganda politica, cercando com ogni mezzo di indurre la popolazione ad esprimere subito il proprio desiderio di essere annessa alla Francia. Noi abbiamo fatto presente gravita situazione al Comando Alleato che ci ha assicurato il suo appoggio. Abbiamo pure rivolto appelli al maresciallo Stalin, al presidente Truman, al primo ministro Churchill e al presidente della Conferenza di San Francisco perché intervengano per porre fine alla indegna sopraffazione che ci sta compiendo. È necessario intervenire immediatamente perché tensioni e animi tra la popolazione e soprattutto fra i partigiani è grandissima e potrebbe provocare incidenti irremediabili. Noi facciamo ogni sforzo per evitare incidenti, ma non possiamo più garantire di riuscirci. (D’ENTRÈVES apud CAVERI, 1968, p. 131-132)

As tropas aliadas estadunidenses chegariam ao Valle d’Aosta em 4 de maio de 1945. No entanto, a situação não foi resolvida e o confronto temido por Passerin d’Entrèves e o CLN aconteceria no dia 18 daquele mês. Os catorze dias de distância entre os dois acontecimentos foram marcados pela organização do CLN na preparação do projeto do Estatuto de Autonomia para a região, por um lado, e a movimentação francesa de outro. No dia 17, a delegação valdostana foi recebida em Milão pelo CLNAI e, diante da ameaça de secessão aprovou o projeto rapidamente. À noite, foi a vez do quartel general da Mission du Mont-Blanc receber o CLN valdostano, ocasião na qual foi assegurado aos italianos que

¹⁸Apud CUAZ, ibidem, p. 44.

o general De Gaulle não tinha interesse pelo território italiano. No entanto, De Gaulle “non avrebbe rifiutato di prendere in considerazioni tale eventualità nel caso che ‘la popolazione della Valle d’Aosta avesse espresso il desiderio di diventare francese’”.¹⁹ Os franceses haviam dado um ultimatum aos valdostanos para que decidissem até o dia 25 de maio. Assim, no dia 18 chegamos ao momento de máxima tensão. No dia 18 de maio de 1945 completava um ano da morte do principal líder da resistência e idealizador da autonomia valdostana Émile Chanoux. Aproveitando a ocasião, um autoproclamado Comité Valdôtain de Libération organizou uma grande manifestação anexionista, e levou um pedido ao prefetto e ao general do Governo Militare Alleato para que fosse organizado um plebiscito imediatamente a fim de que fosse decidida a questão. A resposta de Passerin d’Entrèves e do major Howell (representando do GMA) foi negativa. Da parte de Passerin a negativa justificava-se por três razões: a primeira dizendo que havia apenas um comitê de liberação legalmente constituído e não se poderia reconhecer a legitimidade de qualquer grupo que quisesse falar em nome dos valdostanos; a segunda pelo fato de que, sendo prefetto italiano, não poderia “in alcun modo accogliere una richiesta di plebiscito che avrebbe violato le leggi fondamentali dello Stato”²⁰; por fim, porque não era possível falar em eleições livres num momento em que a ordem pública estava comprometida e no território valdostano se encontravam núcleos do Estado fortemente armados com interesses diretos na questão. A resposta do major Howell foi mais dura e incisiva, se colocando à disposição de Passerin para prender e enviar ao Tribunal Militar de Turim todos os dissidentes envolvidos. Esse é um ponto fundamental. Passerin queria evitar a todo custo uma situação do tipo e expressou ao major que qualquer iniciativa deveria ser autorizada por ele. O confronto tomou lugar naquela tarde, na praça de Aosta, quando manifestantes agitavam bandeiras francesas ao canto da Marseillaise e encontraram grupos da resistência e partigiani. “Il Comando alleato intervenne con i carri armati per sgombrare la piazza e fecce arrestare, all’insaputa del prefetto, alcuni tra i più accesi manifestante, fra cui alcuni agitatori infiltrati dei servizi segreti francesi”.²¹ O caso teve péssima repercussão e atrasou as negociações para obtenção do Estatuto de Autonomia. Passerin d’Entrèves entrevistou imediatamente

¹⁹CUAZ, M. *ibidem*, p. 50.

²⁰*Ibidem*, p. 51.

²¹*Ibidem*, p. 51.

solicitando a liberação dos manifestantes – o que aconteceria na noite do mesmo dia. Após conseguir liberar os presos, Passerin assinou sua demissão do cargo, “era fallito, come scriveva nella lettera di dimissioni al maggiore Howell, il suo progetto di pacificazione degli animi”.²² D'Entrèves não queria ser associado às políticas de repressão, por respeito aos valores que ele admirava e praticava na vida política:

Coerente ai principi del partiro liberale nel quale ho l'onore di militare ho cercato di praticare uma politica di conciliazione nel rispetto di tutte le opinioni e di tutte le tendenze politiche. I fatti che si sono verificati in questi ultimi giorni dimostrano che uma politica di questo genere non ha più ragion d'essere e le violazioni delle leggi fondamentali dello Stato esigono uma pronta e inesorabile repressione. Ciò significa, a mio avviso, che l'autorità alleata deve prendere essa in mano esclusivamente la situazione per la tutela di quelle leggi italiane alle quali essa con il proclama n°1 (nuovo testo) del generale Alexander si è solenemente impegnata. D'altro canto, legato per convinzione e per la mia stessa condotta sin qui, ad uma politica di conciliazione, non ritengo che la mia persona possa rimanere associata ad um'azione che dovrà portare ad uma punizione dei miei copatrioti che si sono resi colpevoli di tali violazioni. (D'ENTRÈVES apud CUAZ, 2004, p. 52)

O amigo Chabod, ao saber do ocorrido, tentou persuadi-lo a retornar ao cargo, sem sucesso. Retornando à vida de cidadão, Alessandro se juntou ao sobrinho Ettore Passerin d'Entrèves e fundou o jornal *La Voix des Valdôtains*, “un periódico aberto ai più diversi contributi, diretto a spiegare ai valdostani i vantaggi dell'autonomia”.²³ Passerin continuou defendendo a autonomia e a descentralização do Estado em diversos escritos enquanto permaneceu na Itália. No entanto, se sentia cada vez mais isolado. Em 4 de janeiro de 1946 foi designado pelo Partido Liberal como membro do primeiro Consiglio della Valle, do qual se demitiu em 7 de fevereiro para assumir a cátedra de estudos italiano em Oxford.

A questão do Estatuto de Autonomia se estenderia até a sua definitiva implementação e regulamentação em 1948. Ainda em 1946 um comitê havia sido organizado para ir a Paris defender o Estatuto de Autonomia e, mais uma vez, Chabod esperava contar com o amigo para se infiltrar na reunião da comissão. Mas Passerin recusou o convite com dúvidas acerca da pertinência de se colocar em uma posição ambígua numa

²²Ibidem, p. 52.

²³CUAZ, M. Ibidem, p.54.

“missão clandestina”, acerca de questões que desde sua estadia na Inglaterra deixara de acompanhar. Escreve d'Entrèves a Chabod:

devo confessarti – ed a te soltanto lo posso e lo voglio fare – che a ripensarci bene, i timori dei valdostani di vedersi un giorno o l'altro ritogliere quanto fu loro (abbastanza a malincuore) concesso dall'Italia, non mi sembrano del tutto infondati. Ritornato in Italia dopo un'assenza de cinque mesi, sono stato esterrefatto dai progressi compiuti da una mentalità che non posso chiamare altro che neo-fascista. La massa dei nostri compatrioti non sembra aver appreso nulla dalla sventura. Il vecchio complesso nazional-imperialistico è più vivo che mai. Che cosa succederà della autonomia il giorno in cui De Gasperi ed i moderati non saranno più al potere? (Apud: BRAVO, 2004, p. 57)

Passerin parecia ter repensado a questão de outra perspectiva após um breve período em Oxford. Em 1957, ele é chamado para ocupar a cadeira do curso de Dottrina dello Stato na *Facoltà di Giurisprudenza* da *Università di Torino*. O evento marca o fim de sua longa estadia em Oxford, o retorno a Itália e o início do que podemos chamar de maturidade do pensamento de nosso autor.

Em 1960, com a morte do amigo Federico Chabod, Passerin colabora com a *Rivista Storica Italiana* em um número que homenageava o conterrâneo. Nessa oportunidade, d'Entrèves relembra os anos da *Resistenza* e a questão da disputa pela adesão da região ao território francês. D'Entrèves relembra não apenas o aspecto político do amigo, mas também sua contribuição na relação de amizade que mantinham, intelectual e pessoalmente. Nosso autor reconhece a influência do amigo historiador em seu pensamento e metodologia, bem como sua importância na formação política, tão importante quanto aquela exercida por Gobetti.

A partir de 1963, d'Entrèves inicia uma longa contribuição com o jornal *La Stampa*, sediado em Turim, que só se encerraria perto de sua morte em 1985. Nesse período, dedica diversos de seus artigos para o jornal ao Valle d'Aosta, muitos deles reunidos na obra *Scritti sulla Valle d'Aosta*, publicado em 1979. Nesse mesmo ano publica a coletânea *Il Palchetto assegnato agli Statisti e altri scritti di varia politica*, que também reúne artigos publicados no *La Stampa* e é reconhecido por muitos como a compilação do pensamento político do autor.

A EXPERIÊNCIA ACADÊMICA NA ITÁLIA E A CRIAÇÃO DA CÁTEDRA DE FILOSOFIA POLÍTICA

Seu percurso como docente nas universidades italianas inicia-se muito cedo. Em 1928, após sua estadia na Alemanha, D'Entrèves vence o concurso de livre docência em *Storia delle Dottrine Politiche* na Universidade de Turim, e no ano seguinte é indicado para a cátedra de Filosofia do Direito na mesma universidade. Em 1935, após obtenção de doutorado em Oxford (1932), Passerin vence o concurso para professor em Messina também no curso de *Storia delle Dottrine Politiche*, no ano seguinte é nomeado professor em Pavia. Em 1938 retorna a Turim para assumir a cadeira de Direito Internacional, caso esse que resultou em uma polêmica com seu antigo orientador Gioelle Solari e levou à ruptura definitiva da relação²⁴. Em 1945, logo após a resolução do caso anexionista do Valle d'Aosta com a obtenção do Estatuto de Autonomia para a região, D'Entrèves é chamado a Oxford para assumir a cadeira de estudos italianos. D'Entrèves retornaria a

²⁴Gioelle Solari (1872 – 1952), que seria também um dos mestres de Norberto Bobbio, foi tutor de d'Entrèves na elaboração da primeira tese deste último, ainda em seu primeiro período de estudos na Faculdade de Jurisprudência de Turim. A tese sobre Hegel, intitulada *Il Fondamento della filosofia giuridica di G. W. F. Hegel*, foi um capítulo a parte no percurso do estudioso d'Entrèves, que não voltaria a tratar do tema e do autor em questão. A escolha por Hegel naquele momento tratava-se de uma concessão aos desejos de seu tutor, Solari.

Para a relação Solari x d'Entrèves, nos parece interessante dar certo relevo à ruptura ocorrida definitivamente em 1942, quando d'Entrèves assume a cátedra de Direito Internacional em Turim, ainda que não tivesse 'títulos suficientes' para tal. Não só a 'falta de títulos', mas o contexto que possibilita a entrada de d'Entrèves, bem como seu posicionamento, terminam por deixar desgostoso e inquieto a Solari. O fato é que a partir de 1938 entram em vigor as leis raciais na Itália sob comando do regime fascista, que em 1942 atingirão a faculdade com o afastamento do então titular da cadeira de Direito Internacional, o hebreu Giuseppe Ottolenghi. Teoricamente, a cadeira de Direito Internacional era destinada, na concepção de Solari a outro estudante. A decisão de d'Entrèves em assumir a cátedra tem três consequências imediatas: a recusa por parte do filósofo em assumir a sucessão da cadeira das Doutrinas Políticas, que tinha à frente Solari (que seria assumida, então, por Bobbio em 1943); o prejuízo a Riccardo Monaco que, discípulo do então titular Ottolenghi, estava destinado a dar continuidade ao trabalho do tutor; a ruptura definitiva com Solari.

Toda a querela pode ser acompanhada no texto de Tringali (2002), e também nos trabalhos de Angelo d'Orsi, especificamente em *La Vita degli Studi, carteggio Gioele Solari-Norberto Bobbio 1931-1952*, Franco Angeli, Milão: 2002, que traz a correspondência entre Solari e Bobbio no período indicado – especificamente, sobre esse assunto, a carta de Solari a Bobbio de 12 de junho de 1942, publicada nas páginas 146-150 da referida edição; e ainda, D'ORSI, A. em *Alessandro Passerin d'Entrèves e l'Università di Torino*, publicada em uma coletânea de 2004 em homenagem ao autor intitulada *Alessandro Passerin d'Entrèves (1902-1985): politica, filosofia, accademia, cosmopolitismo e 'piccola patria'*, curada por Gian Mario Bravo, que fora assistente de d'Entrèves em seu último período em Turim.

exercer a função de professor nas universidades italianas de maneira definitiva, como já apontamos, em 1957.

Com o retorno à Turim a convite de Norberto Bobbio, d'Entrèves inaugura com apoio do colega a Faculdade de Ciência Política de Turim – da qual foi o primeiro presidente – e pouco tempo depois inaugura a cátedra de Filosofia Política, transformando o ensino da disciplina que antes era intitulada *Storia delle Dottrine Politiche*. Mas esse passo de transformação não aconteceu de maneira espontânea.

As dificuldades são lembradas por Bobbio, que não só acompanhou e apoiou Passerin d'Entrèves na criação da nova cátedra, mas também o sucedeu como titular da disciplina. De fato, Bobbio continuou a refletir sobre a experiência dessa criação conjunta e sobre as distinções entre Filosofia Política e Ciência Política, entre Filosofia Política e História das Doutrinas Políticas, como podemos ver no primeiro capítulo de *Teoria Geral da Política* (2000). Nele, Bobbio trata da relação entre Filosofia Política e Ciência Política, propõe um mapa da filosofia política e seus temas e desdobramentos, e trata das razões da filosofia política – momento no qual relembra o processo de criação da cátedra na década de 60:

Seria lícito prever que a instituição de cátedras de filosofia política, ocorrida no momento da criação das novas faculdades de ciências políticas no final dos anos 60, suscitasse um debate sobre a natureza, os conteúdos e os objetivos da nova disciplina, que passava a ocupar um espaço vizinho ao de duas disciplinas tradicionais, a história das doutrinas políticas e a ciência política, sem falar da ainda mais recente sociologia política. Na verdade o debate não aconteceu, ou teve duração inferior em intensidade e vivacidade do que aquele que precedeu e acompanhou o nascimento da disciplina. (BOBBIO, 2000, p. 86)

Bobbio descreve ainda um congresso ocorrido em Bari em 1970 cujo objetivo era tratar da “Tradizione e novità della filosofia politica”, no qual ele e d'Entrèves fizeram intervenções. Segundo Bobbio, muito embora o debate acerca das diferenças entre as disciplinas não tenha se estendido por muito tempo, ele voltaria ao centro das reflexões dos estudiosos políticos a partir da criação da revista *Teoria Política*, que propunha “colocar em confronto filósofos da política e cientistas, convidando à colaboração filósofos e

sociólogos, historiadores, políticos e juristas, a revista não poderia deixar de provocar discussões de caráter metodológico”.²⁵

Não há dúvidas de que Passerin d'Entrèves tenha sido um dos principais, senão o principal, artífice na criação da nova disciplina. Veremos com mais detalhes e profundidade em nosso próximo capítulo.

INGLATERRA

Após sua primeira formação e a defesa da sua tese sob orientação de Solari em Turim e passada a experiência ao lado de Gobetti, marcada por sua contribuição na revista *Rivoluzione Liberale*, d'Entrèves se detém por um breve período de estudos na Alemanha, em 1925 após prestação do serviço militar. Seu objeto de estudo é a concepção do direito natural cristão a partir da interpretação de Ernst Troeltsch (1865 – 1923), que resultará na publicação de um artigo em 1926 intitulado *Il concetto di diritto naturale e la sua storia secondo E. Troeltsch*. O estudo marca a ruptura definitiva com os estudos sobre Hegel e o início de seu distanciamento do então mestre Solari e uma aproximação a Luigi Einaudi; marca também o início de seu interesse sobre o direito natural.

Com a boa recepção da publicação de seu estudo, d'Entrèves é incentivado por Einaudi a aceitar uma bolsa de estudo de dois anos oferecida pela Fundação Rockefeller. Nosso autor deveria escolher entre Inglaterra ou Estados Unidos. Assim, optando pela Universidade de Oxford, d'Entrèves foi aceito como estudante com um plano de estudos sobre Richard Hooker, e teve como tutor Alexander James Carlyle durante o período de 1926 a 1928. A partir daí cresce ainda mais o interesse de d'Entrèves sobre o tema do direito natural, desenvolvendo um particular interesse pela obra de São Tomás de Aquino, culminando na obra de 1934 *La filosofia politica medioevale*, em que o filósofo italiano desenvolve pela primeira vez um tema que será recorrente em sua obra, a saber, a noção de obrigação política no pensamento medieval.

Além dos irmãos Carlyle, d'Entrèves também foi influenciado durante esse período em Oxford por Alexander Dunlop Lindsay (1879 - 1952), filósofo político e autor de *The Modern Democratic State*, com quem nosso autor estudou e a quem devia reportar

²⁵BOBBIO, N. *Teoria Geral da Política*. Rio de Janeiro, Elsevier: 2000, p. 90.

periodicamente pequenos ensaios. Tais ensaios diziam respeito ao campo denominado de *Filosofia Política*, de pouco ou nenhum interesse às Universidades italianas naquele tempo. Esses ensaios levaram à publicação de um artigo na Rivista Internazionale di Filosofia del Diritto com o título Il problema dell'obbligazione politica nel pensiero inglese contemporaneo, em 1928. Escreve d'Entrèves:

Fu Green, in un famoso corso all'Università di Oxford nell'inverno 1879-1880, a definire come problema dell'obbligazione politica in generale, il problema del rapporto fra l'individuo, il diritto e lo stato: il problema della natura dello stato, del valore dell'ordinamento giuridico, e pertanto del fondamento della obbedienza dovuta dall'individuo all'uno e all'altro. Intorno a questo punto si sono svolte in Inghilterra in questo ultimo cinquantennio, feconde indagini e discussioni; in quel campo di studi che viene colà denominato Filosofia politica, il problema è rimasto centrale: e invero è in questo campo che dobbiamo ricercare i più interessanti e aspetti della speculazione inglese intorno al diritto e allo stato. Il problema dell'obbligazione politica, quale formulata dal Green sembra a primo aspetto ridursi a quello classico dell'obbedienza (...). In realtà, come la storia ci insegna, il problema dell'obbedienza non è che un modo ingenuo di porre un problema più generale e fondamentale di validità e di valore. Poiché, anche là dove l'assillo pratico sembri mancare, anche quando un vero e proprio conflitto di doveri non venga a riporre nella sua tragica urgenza il problema dell'obbedienza, il problema dell'autorità rimane. Il Green non fa che formulare il problema in termini propriamente filosofici. (D'ENTRÈVES, 1992, p. 325)

Nessa passagem encontramos resumidas as principais questões de nosso autor ao longo de toda sua carreira acadêmica, bem como a demonstração de seu posicionamento e inclinação acerca de tais questões. Ainda que d'Entrèves não vá tratar especificamente do problema da obrigação política até os anos 50, o tema não estava ausente de sua obra. Como coloca TRINGALI:

Infatti il filo conduttore degli studi della filosofia politica medioevale, è rintracciabile nel saggio sullo Hooker, nell'esame della dottrina tomista e nelle ricerche intorno al diritto naturale, nonché in quelle relative alla teoria dello Stato. Tutta la sua produzione scientifica converge sul concetto dell'obbligazione politica che è il tema di fondo del suo pensiero. Ora, nel saggio su Thomas Hill Green d'Entrèves si mantiene su di un piano strettamente storiografico, ma è il primo a costituire il Tema delle sue ricerche filosofiche: perché un uomo libero deve obbedire ad un altro uomo. (TRINGALI, 2002, p.71)

Terminado o período em Oxford, em 1928 d'Entrèves se encontra mais uma vez na Alemanha, especificamente em Berlim. Nessa etapa, encontra-se com estudiosos como Friedrich Meinecke (1862 - 1954) e Carl Schmitt (1888 – 1985). Mais tarde, em Viena, frequenta os cursos de Hans Kelsen (1881 – 1973), cujo positivismo lógico será amplamente criticado em *Natural Law*.

Em 1932, obtém o doutorado pela Universidade de Oxford com uma tese sobre o pensamento político medieval e a contribuição de Hooker. Após um período na Itália, torna-se Serena Professor na cátedra de Estudos Italianos em Oxford, na qual permanece até 1957 quando retorna à Itália. O retorno não encerra a relação de Passerin com a Universidade inglesa à qual continua retornando para palestras e cursos, não apenas relacionados aos estudos italianos, mas voltados ao pensamento político.

ESTADOS UNIDOS

O impacto da relação de d'Entrèves com as universidades estadunidenses é de difícil observação. A razão é que as fontes que tratam da sua experiência naquelas terras são difusas e requerem um verdadeiro garimpo para serem encontradas. Mesmo a experiência em Oxford é difícil de apreender em termos cronológicos precisos: o nomadismo de d'Entrèves é, provavelmente, a origem da confusão. A divisão que adotamos aqui é para fazer jus às indicações do próprio autor mas, ao mesmo tempo, ela facilita o traço do perfil biográfico uma vez que não podemos contar com precisão de datas.

Aquilo que podemos encontrar até aqui são contribuições de d'Entrèves nas universidades de Harvard, Cambridge e Yale. De fato, a obra *Natural Law: An introduction to legal Philosophy* (1951) foi publicada após um curso de oito palestras ministradas pelo filósofo italiano na Universidade de Chicago em abril de 1948. Na mesma universidade, em 1949, disputou com Leo Strauss – e perdeu – a cadeira de Filosofia Política após vacância por ocasião da aposentadoria de Charles Merriam.²⁶ No Outono de 1957 lecionou um curso de história das doutrinas políticas na Universidade de Harvard,²⁷ tendo naquela

²⁶Mais informações sobre essa questão podem ser encontradas em: SHILS, E. *Remembering the University of Chicago: Teachers, scientists and scholars*, Chicago: University of Chicago Press, 1991, p. 192; e também em SMITH, S. B. *The Cambridge Companion to Leo Strauss*, Chicago: Cambridge University Press, 2009, p. 31.

²⁷http://www.treccani.it/enciclopedia/alessandro-passerin-d-entreves_%28Dizionario-Biografico%29/

ocasião concedido uma entrevista a Robert H. Neuman do jornal estudantil *The Harvard Crimson*. O perfil do então professor de Harvard foi publicado como *faculty profile* sob o título ‘European out of Context’.²⁸ De modo bastante simpático, o autor descreve elementos inusitados da vida privada de d’Entrèves como o costume de escalar as montanhas dos Alpes que circundam sua cidade natal, e seu amor à música, sendo um ‘ávido colecionador de discos clássicos’. Além disso, transparece aquela característica que tentamos aqui reafirmar: de alguém que buscava conciliar os elementos continentais e anglo-saxão, entre Europa e EUA, Inglaterra e EUA, etc. Em suma, o artigo nos possibilita ver através dos olhos do próprio d’Entrèves, como a múltipla experiência de tradições e culturas o afetara. Também nos dá mais dicas da sua relação com as universidades nos EUA, nesse caso Harvard especialmente. A longa citação a seguir se faz necessária:

D'Entreves has strong feelings about national characteristics and international interdependences. England, he believes, is to be praised for its preservation of ancient traditions and institutions. Continental Europe has lost the "old way," as a result mainly of the French Revolution and its consequences. The Fascists tried to restore tradition in Italy but failed, because, once broken, the chain of custom cannot be repaired. For example, d'Entreves illustrates, you could not wear a gown at Harvard today, because that tradition has been broken and lost. England has, however, carefully preserved her customs and culture, and is to be praised for it.

Harvard, to d'Entreves, is a bit of home. He feels that the University has preserved some European strands, and, in America, is closest to European "congeniality." "I am completely lost in New York," he confesses. Although gowns are not worn here, the Professor quotes the Italian proverb, "The garb doesn't make the friar." Harvard's liberal spirit and conservative facade make this University comfortable and familiar to d'Entreves.

D'Entreves finds in the U.S. the heritage of the eighteenth century. Europe, he believes, has grown jaded and disillusioned, and, *prima facie*, Europe may appear to American eyes almost Machiavellian. America, he maintains, still believes in the "nobility of savages" and the potentiality for human sincerity. Like the eighteenth century, the U.S. contains the qualities of optimism and the defects of naivete.

But Europe and America can mutually benefit each other. Europe can lend us its experience and caution, and the U.S. can renew for Europe the hope and optimism vital to progress. "Europe can teach America only how to learn; America can teach Europe how to believe," claims d'Entreves.

²⁸<https://www.thecrimson.com/article/1957/2/7/european-out-of-context-purbane-acute/>

America's major defect is accepting too much, d'Entreves maintains. For example, we make a professor feel too important. We consider lecturers stamped with infallibility. "In Oxford," he points out, "a professor is made to feel immediately that he couldn't matter less." (NEUMAN, 1957)

A relação com a universidade de Yale parece ter sido a mais duradoura e de maior relevância no que se refere à obra *The Notion of State*. É o próprio d'Entrèves a fazer referência a essa experiência no prefácio à obra:

I therefore wish to record a special debt of gratitude to my old Faculty in Turin for welcoming me back after a long absence, as well as to the Department of Philosophy and to the Law School at Yale for entrusting me year after year with a course on political and legal philosophy which proved to be one of the most enjoyable experiences of my career as a teacher. (D'ENTRÈVES, 1967, prefácio, trad. nossa)

De fato, entre os anos de 1960 e 1964 d'Entrèves retornaria a Yale para ministrar um curso semestral sobre teoria política. A partir de 1964 ele é inserido como membro da American Academy of Arts and Sciences.²⁹

Além da experiência como professor, podemos certamente atribuir à experiência nos EUA o contato com diversos autores de grande impacto político no século xx, tais como Iasiah Berlin (a quem d'Entrèves considerava um amigo), Felix Oppenheim, o próprio Leo Strauss, Karl Popper e quantos outros inúmeros pesquisadores e scholars que no pós-guerra migraram para as universidades e colégios estadunidenses.

A FILOSOFIA POLÍTICA DE PASSERIN D'ENTRÈVES

A melhor introdução à noção de Filosofia Política do filósofo valdostano pode ser encontrada em um texto que serviu inicialmente para o debate acerca da implementação da nova disciplina nas universidades italianas, e que agora encontra-se disponível no *Dicionário de Política* organizado por Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino. Fazemos essa afirmação pois é na sua descrição do vocábulo 'Filosofia Política' que encontramos de modo sumário sua análise acerca das propriedades e temas

²⁹Cfr. Records of the Academy (American Academy of Arts and Sciences), No. 1963/1964 (1963 - 1964), pp. 156-163

desenvolvidos pela Filosofia Política, sua relação com a historiografia, assim como sua distinção da Ciência Política em termos de objeto de estudo e metodologia. No entanto, é necessário afirmar que ao analisar a noção, Passerin d'Entrèves não se deixa “atrair pela tentação (...) de propor o próprio conceito de filosofia política, ou ceder à presunção de dizer o que deve ser a filosofia política” (BOBBIO, 2000, p.86). antes, aquilo que encontramos é, nas palavras do próprio autor, uma definição *ostensiva*:

Estabelecer com clareza e precisão o que se entende por Filosofia da política (ou Filosofia política, como prefere o uso comum) não é tarefa fácil. É tão grande a variedade de opiniões a respeito, que o melhor caminho a seguir parece ser o de propor, como ponto de partida, não uma definição *a priori* ou estipulativa, mas uma definição do tipo que hoje se chamaria ostensiva, isto é, deduzida do trabalho realizado pelos historiadores do pensamento político, através do material coletado por eles, partindo dos casos particulares para chegar ao problema geral, o problema da existência e da própria possibilidade de uma reflexão filosófica sobre o fenômeno político. (D'ENTRÈVES, 2010, p. 493)

Ainda que d'Entrèves se abstenha de dar a sua definição de Filosofia Política de modo *estipulativo*, é possível observar com clareza nesse pequeno trabalho quais são as suas posições. De fato, podemos ver como o texto está construído de modo a dar visibilidade àquele tema que, como veremos neste capítulo, era o centro da reflexão filosófica do autor.

O primeiro elemento que chama atenção nessa análise do termo Filosofia Política por d'Entrèves é aquele histórico. Na passagem citada acima o autor diz que na sua definição de tipo *ostensivo* o que deve ser levado em consideração é o trabalho dos ‘historiadores do pensamento político’. Em consequência, o primeiro passo dado por ele em sua análise será aquele de avaliar, justamente, os critérios, cânones e metodologia historiográfica:

Uma pergunta preliminar poderia ser esta: com base em que premissas, explícitas ou implícitas, são selecionadas estas ideias e tornadas objeto de reconstrução e de história? Por que – em termos mais simples – alguns escritores são considerados “políticos” e julgados merecedores de ser inseridos nesta “história”, e outros excluídos ou catalogados sob outros rótulos, como autores de teorias econômicas ou mais genericamente sociais? E, entre estas três

grandes categorias propostas, que relações exatamente intercorrem, em que medida as ideias políticas se diferenciam propriamente das outras duas? Quem são, em substância, os escritores “políticos”, quais as razões e características que nos autorizam a chamá-los como tais? A esta primeira pergunta é quase natural fazer seguir uma outra: desde o momento em que sabemos quem são, o que faziam ou o que pretendiam fazer estes escritores políticos? Propunham-se somente a estudar, a analisar e a descrever o fenômeno, ou também a avaliá-lo? E se o avaliavam, com base em que escala de valores o faziam e para quais fins? Era para recomendar ou propor um tipo ideal e perfeito de relações políticas e estatais, ou simplesmente para indicar remédios, correções, ajustamentos à realidade política existente? Chegamos, assim, à última questão: estes valores e ideais, que inspiraram pensadores políticos do passado e que através da sua obra de demonstraram premissas de consequências, a ponto de provocar às vezes revoluções ou mudanças radicais nos acontecimentos humanos, que significado assume hoje para nós, como podemos ou devemos julgá-los? (D'ENTRÈVES, 2010, p. 493)

Embora, de fato, d'Entrèves evite de partida uma definição precisa e unívoca para a Filosofia Política, vê-se que a sua análise acerca do significado da expressão está desde o início marcada por uma abordagem particular ao problema. O próprio Passerin dá indicações nesse sentido ao dizer que apesar das interrogações acima citada não esgotarem os questionamentos, “ela fornece, porém, uma abordagem que constitui um primeiro passo para definir a natureza, ou se se prefere, as características marcantes da disciplina que se denomina Filosofia política” (D'ENTRÈVES, 2010, p. 493). Citando o amigo Norberto Bobbio, d'Entrèves indica quatro formas de interpretar a filosofia política: “como descrição do Estado perfeito, como procura do seu fundamento, como identificação da “categoria do político” e, enfim, como metodologia das ciências políticas em geral.” (D'ENTRÈVES, 2010, p.493). Sua análise, no entanto, trata de nove distinções e relações da Filosofia política: a) a Filosofia Política como determinação do Estado Perfeito; b) a Filosofia política como procura do critério de legitimidade do poder; c) Filosofia política como identificação da categoria do político; Filosofia política como metodologia das ciências políticas; d) Filosofia política e análise da linguagem; e) Filosofia política e Ciência política; f) Filosofia política e ideologia; g) Filosofia política e teoria dos valores; h) natureza do dever político. Todas essas distinções, análises e as críticas de Passerin a cada uma dessas noções podem ser encontradas reverberando em suas obras, especialmente em *La dottrina dello Stato/The Notion of State*. Mas, assim como ele deixa transparecer na sua análise do

significado da Filosofia política, suas reflexões políticas se concentram na última acepção descrita, i.e., sobre a natureza do dever político, ou, mais especificamente, sobre o problema da “obrigação política”. No entanto, não acreditamos que o foco do autor nesse problema específico possa ser caracterizado como reducionista ou limitado, uma vez que para ele a noção de “obrigação política” abarca toda a problemática anterior, ou seja, quando a questão acerca das razões da obediência ou desobediência está colocada todas as outras se colocam também: ela se refere a uma teoria dos valores, pode se referir a uma ideologia, sua reflexão se distingue daquela meramente descritiva proposta pela Ciência política, ela vai além da mera análise analítica dos fenômenos políticos – embora faça uso dessa, ela está presente na identificação da categoria do político enquanto descoberta da “autonomia da política”; ela está ligada à procura do critério de legitimidade do poder e, por fim, à determinação do Estado perfeito. De um modo geral, Passerin está “em busca daquelas poucas questões fundamentais que povoam o subsolo da história dos fatos como ideias políticas; antes, observando bem, essas se reduzem a um único problema, aquele da obrigação política” (D’ORSI, 1995, p. 183).

RENOVAÇÃO METODOLÓGICA

Na introdução da obra *La filosofia politica medievale: appunti di storia delle dottrine politiche*, escreve d'Entrèves:

Il vero è che dalla storia, come regno del relativo e del contingente, non si riesce, per quanti sforzi si facciano, a ricavare dei valore assoluti. Maestra di vita è senza dubbio la storia in quanto insegna ad uscire dalla grettezza delle proprie determinazioni particolari e ad essere caritatevolmente disposti verso tutte le opinioni, tutte le fedi, ma se anche essa permette di riconoscere la necessità e la profondità umana di una determinata soluzione, ciò non è sufficiente a provarne il valore universale e perenne. Non può bastare dunque il considerare una determinata dottrina *sub specie historiae*: è necessario e doveroso considerarla anche e soprattutto *sub specie aeternitatis*. Contro il pericolo di divinizzare la storia, e con essa il fato compiuto, è forse il caso di ricordare proprio qui il severo ammonimento di un giurista medievale, doversi il divino ricercare nella verità, non nella necessità storica: *quia Dominus dicat, Ego sum veritas, non Ego sum consuetudo vel constitutio*. (D'ENTRÈVES, 1934, p.4)

Para d'Entrèves, a aproximação filosófica prevalece sempre sobre aquela histórico-analítica, que serve, simplesmente, como ferramenta da primeira. É necessário um estudo metucioso dos clássicos, até que se consiga certa familiaridade com eles, mas isso não basta para a pesquisa filosófica que é a pesquisa pela verdade. Segundo Massimo Tringali:

L'indagine filosofica implica, per d'Entrèves, una precisa *Weltauschauung*, che rifiuta sia il metodo dello storicismo idealista, sia il metodo scientifico, ossia empirico-positivista, che è incapace per sua stessa ammissione di leggere nel profondo della realtà; vale a dire di percepire e di riconoscere ciò che sta dietro ai fenomeni, che dà loro valore e significato. (TRINGALI, 2002, p.72)

Como explicamos anteriormente, em d'Entrèves a concepção de mundo e a abordagem metodológica se confundem e, muitas vezes, se atravessam. Assim, os conhecimentos histórico e teórico estarão sempre subjugados a uma necessidade que é, na concepção de nosso autor, sempre anterior à própria pesquisa: a curiosidade racional, entendida como necessidade de justificação. A obsessão do filósofo italiano com a questão que, segundo o próprio, é primordial à filosofia política – ou seja, a pergunta 'Por que obedecer?' – transparece em sua pesquisa e percurso intelectual. Luigi Einaudi, que de acordo com Tringali (2002) foi aquele que melhor compreendeu a essência da argumentação de Passerin e sua abordagem metodológica escreveu em 1939 uma resenha da obra *The Medieval contribution to political thought* para a '*Rivista di Storia Economica*', citamos:

Direi, riassumendo, che il contributo metodologico offerto col suo saggio da d'Entrèves alla storia delle dottrine politiche sia fondato sulle seguenti regole:

- 1) Gli accenni alle condizioni politiche e sociali del tempo e dei luoghi nei quali vissero gli autori studiati siano pochi e sobri. Si senta, più che non si legga, che la storia delle dottrine è fatta tenendo conto delle trasformazioni che il passare del tempo e il mutare dell'ambiente storico hanno prodotto nel modo di pensare, nei problemi da risolvere, nelle forme politiche delle quali il pensatore doveva tener conto; ma tutto ciò accada per tocchi leggeri, inavvertiti. In nessun luogo lo scrittore attiri appositamente l'attenzione su nozioni le quali debbono essere presupposte; non essendo di buon gusto insistervi sopra grossolanamente;
- 2) Oggetto di studio è il concatenamento storico delle dottrine, il mutarsi dell'una nell'altra, in modo che nulla di quello che era vivo nella dottrina antica muoia e quella più recente, innovando, svolga germi che, in nuce

o in altra forma o con altri intenti, per consenso o per dissenso, erano contenuti nel pensiero antico;

3) Le teorie del passato devono essere studiate in funzione non delle contingenti controversie contemporanee, ma di quel che di permanente e di eterno vi è nei problemi ai quali quelle teorie intendevano dare una risposta ed offrire una soluzione. I problemi che veramente interessano oggi, non sono i nostri piccoli contingenti litigi di scuole, di indirizzi, di persone, ma quelli che rispondono ad una esigenza permanente del nostro spirito; sono i problemi che possono essere considerati *sub specie aeterni*. (EINAUDI apud TRINGALI, 2002, p.73)

Uma acepção parecida é aquela de Cary J. Nederman (2009) que atribui a d'Entrèves um esforço por encontrar uma 'via do meio' entre os excessos da busca por respostas e comparações através de sistemas 'universalistas', bem como dos excessos da busca extremamente pontual e particular no que se refere à abordagem do pensamento político através da história e da filosofia.

Usando as palavras de d'Entrèves, é imprescindível esclarecer que quando dizemos que nosso autor 'busca a verdade' na leitura dos textos e da história do pensamento político ocidental, não estamos nos referindo à verdade como resposta perene e imutável aos problemas colocados. Trate-se, na verdade, do oposto. A verdade perene e imutável que d'Entrèves busca não é a resposta, e sim a pergunta, ou o problema, que nunca deixa de existir (nem pode deixar de existir) dentro da esfera das relações políticas, sendo ele o próprio motor das mudanças que de tempos em tempos transforma essas mesmas relações. Para isso o uso da História e das ciências positivas como instrumentos dessa eterna busca por renovação, que só se justifica enquanto objeto da Filosofia e, mais especificamente, da Filosofia Política.

CONCLUSÃO

Passerin d'Entrèves foi um homem fronteiro e, também um pensador fronteiro; um cosmopolita do pensar e da prática. Apenas sob esta ótica é possível compreender como era possível para ele navegar por ambientes distintos e conciliar correntes antagônicas num clima extremamente polarizado no imediato pós-guerra e ao longo do estabelecimento da democracia nos países europeus. Um defensor da relevância da Filosofia Política como instrumento de análise das relações políticas, de comando e obediência; e como disciplina

acadêmica imprescindível para compreensão do fenômeno político e a teoria do Estado. Por suas características, muitas das quais aqui exploramos, há uma certa dificuldade em determinar exatamente a filiação política de d'Entrèves, e muito se especulou ao longo do tempo:

Fu liberale o socialista? Molti si sono domandati cosa fosse effettivamente Passerin d'Entrèves. Certo l'insegamento di Gobetti era presente, ma anche il socialismo liberale di Carlo Rossetti aveva sicuramente esercitato un fascino su Passerin d'Entrèves. Ma per rispondere a questa domanda, bisogna pensare al 'valdostano' Passerin, che era portato naturaliter a privilegiare l'autonomismo ed il regionalismo rispetto alle ideologie astratte. Soprattutto è da tener presente il lungo período trascorso ad Oxford che porta Passerin a contatto com uma cultura di stampo anglossassone che certo há contribuito a spingerlo a rifuggire dagli ideologismi. Forse Passerin d'Entrèves è stato un socialista liberale, ma i termini vanno sicuramente intesi ala maneira inglese, il liberalismo conservatore italiano lo urtava ai pari di un socialismo confusionario e demagogico. (QUAGLIENI, 1985, p.2)

Não restam dúvidas que para d'Entrèves o principal objeto da Filosofia Política seja a *obrigação política*, uma noção que reúne em si diversos outros temas como aqueles da autoridade, da legitimidade do poder, do direito à resistência, em suma, todos os temas que dizem respeito à experiência de submissão de um indivíduo à outro, ou de um indivíduo ao Estado. Nesse sentido, a pergunta fundamental que a Filosofia Política se coloca é: Por que devo obedecer?; ou, Por que os homens obedecem às leis? A característica mais notável do autor é a capacidade de propor a relevância (mais que isso, a necessidade) do papel da filosofia no estudo das questões políticas, sem que para isso seja necessário desconsiderar o papel igualmente importante de outras abordagens como aquela das ciências política e social, do materialismo histórico, e do direito positivo. Nesse sentido o debate que ele propõe em suas obras trata dos limites epistemológicos de cada uma dessas perspectivas e seus respectivos modos de tratar o fenômeno político. Quando observada por essa lente, podemos facilmente perceber que a obra está inserida em um caloroso e instigante debate que fomentava as discussões acerca do Estado em mundo marcado pela destruição e mazelas oriundas de duas guerras mundiais e dividido por uma guerra fria entre dois atores majoritários no cenário internacional.

BIBLIOGRAFIA

- BOBBIO, N. *Teoria Geral da Política*. São Paulo, SP: Elsevier, 2000. 717p.
- BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. *Dicionário de Política*. 1ª. ed. Brasília, DF: UnB, 2010.
- BRAVO, G. M. *Un'Italia civile - Alessandro Passerin d'Entrèves e Norberto Bobbio*. Turim, Itália: Giappichelli, 2006. 26p.
- BOBBIO, N. 'Uomo di Frontiera' in *La Stampa*, 1985. Disponível em: www.archiviola stampa.it/component/option,com_lastampa/task,search/mod,libera/action,viewer/Itemid,3/page,3/articleid,1010_01_1985_0280_0003_14120269/
- BRAVO, G. M. (org.) *Alessandro Passerin d'Entrèves (1902-1985): politica, filosofia, academia, cosmopolitismo e "piccola patria"*. 1ª. ed. Turim, Itália: Franco Angeli, 2004. 133p.
- CAVERI, S. *Souvenirs et révélations: Vallé d'Aoste, 1927-1948*. Bonneville: Plancher, 1968.
- CUAZ, M. "Alessandro Passerin d'Entrèves e la Valle d'Aosta", in BRAVO, G. M. (org.) *Alessandro Passerin d'Entrèves (1902-1985): politica, filosofia, academia, cosmopolitismo e "piccola patria"*. 1ª. ed. Turim, Itália: Franco Angeli, 2004. p. 43-65.
- D'ENTRÈVES, A. P. *La filosofia politica medioevale*. Appunti di storia delle dottrine politiche. Turim: Giappichelli, 1934. 238p.
- D'ENTRÈVES, A. P. *Natural Law: An introduction to legal philosophy*. New Jersey, EUA: Transaction, 1994. 206p. (1ª edição da obra em 1955)
- D'ENTRÈVES, A. P. *La Dottrina dello Stato*. 3ª. ed. Turim, Itália: Giapichelli, 2009. 365p. (1ª edição da obra em 1962)
- D'ENTRÈVES, A. P. *Legalità e Legittimità*. Milano: Giuffrè, 1960. 161p.
- D'ENTRÈVES, A. P. *Political Obligation in the open society*. Oxford: 1964.
- D'ENTRÈVES, A. P. *Obeying whom*. Oxford: Claredon, 1965.
- D'ENTRÈVES, A. P. *On the notion of Political Philosophy*. 1965.
- D'ENTRÈVES, A. P. *The Notion of State*. Oxford, Inglaterra: Clarendon Press, 1967. 233p.
- D'ENTRÈVES, A. P. *La Libertà Politica*. --. ed. --, Itália: Edizioni di Comunità, 1974. 317p.

D'ENTRÈVES, A. P. *Saggi di storia del pensiero politico*. Milão, Itália: Franco Angeli, 1992. 350p.

D'ORSI, A. *La vita degli studi*. 1ª. ed. Turim, Itália: Franco Angeli, 200. 233p.

D'ORSI, A. *La ricezione di Federico Chabod nella cultura italiana del Novecento*. --. ed. Florença, Itália: Leo S. Olschki, 2000. 0p.

D'ORSI, A. *Guida Alla storia Del pensiero político*. Firenze, Itália: La Nuova Itália, 1995. 339p.

HOBSBAWM, E. J. *Como mudar o mundo*. 1ª. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2011. 423p.

NEDERMAN, C. J. *A Middle Path: Alexander Passerin d'Entrèves*”, in *Lineages of European Political Thought*. Washington, EUA: CUA, 2009. 375p.

NEUMAN, R. H. “European out of Context – Faculty Profile”, in *The Harvard Crimson*. Chicago: 1957. Disponível em <https://www.thecrimson.com/article/1957/2/7/european-out-of-context-purbane-acute/>

QUAGLIANI, F. “Ricordo di Passerin d'Entrèves” in *La Stampa*, 17/12/1985, p. 2

RESTA, E. 'Diritto Naturale Profano'. In: *La Dottrina dello Stato*. Turim: Giapichelli, 2009. 365p.

SHILS, E. *Remembering the University of Chicago: Teachers, scientists and scholars*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

SMITH, S. B. *The Cambridge Companion to Leo Strauss*. Chicago: Cambridge University Press, 2009.

STUARDI, M. D. ‘Testimonanze’ in *Alessandro Passerin d'Entrèves: politica, filosofia, academia, cosmopolitismo e “piccola patria”*, org. Gian Mario Bravo, Torino: FrancoAngeli, 2004, p. 84-85.

TRINGALI, M. *Obbligazione Politica in Alessandro Passerin D'Entrèves*. 1ª. ed. Lecce, Itália: Pensa Multimedia, 2006. 190p.

TRINGALI, M. *Alessandro Passerin d'Entrèves: profilo di un pensiero*. 1ª. ed. Aosta, Itália: Le Château, 2002. 119p.